

MODOS DE VIDA EM MUDANÇA E TURISMO RURAL NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA

CHANGING LIFESTYLES AND RURAL TOURISM IN THE CAMPOS DE CIMA DA SERRA¹ REGION

¹ Fields up the Mountains

Ana Maria Costa Beber *

Susana Gastal **

Renata Menasche ***

* Cursando Estágio Pós-doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS. Doutora Pelo Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS. Bolsista CNPq. ✉ galaxia_ana@hotmail.com

** Professora pesquisadora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (UCS). Bolsista CNPq de Produtividade em Pesquisa. ✉ susana.gastal@gmail.com

*** professora do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Professora do Curso de Bacharelado em Antropologia e pesquisadora do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPeL).

R e s u m o

O objetivo deste artigo é refletir sobre os efeitos do turismo rural nos modos de vida da família proprietária da Pousada Fazenda do Amor. Este olhar se dá a partir das práticas alimentares em contexto de interação no encontro turístico entre visitantes e familiares sob o prisma do desenvolvimento rural e na perspectiva dos sujeitos locais. A etnografia foi usada como método de pesquisa, utilizando as técnicas de observação participante, diário de campo e entrevistas semiestruturadas. Os dados coletados foram elencados em categorias, tais como trajetória dos familiares, trajetória da unidade produtiva, comida e interação entre familiares e turistas. Os resultados apontam que a interação cultural promovida pelo turismo juntamente com a pecuária e as mídias sociais, são agentes ativos nos processos de mudança cultural. Neste sentido, o turismo é um agente transformador importante que possibilita a melhoria na renda e manutenção do patrimônio familiar, o que é demonstrado pela ampliação e modernização da pecuária, pela oportunidade de estudo universitário dos filhos e, principalmente, pela permanência no campo, onde a terra é valorada como patrimônio familiar no contexto das histórias de vida daqueles que nela habitam.

Palavras-chave: Turismo rural. Desenvolvimento rural. Contato intercultural. São José dos Ausentes. Brasil.

Abstract

This paper aims at a reflection on the effects of rural tourism on the way of life of the family that owns the inn called *Fazenda do Amor*. This view is based on the eating habits in the context of interaction in tourist encounters between visitors and the family from the perspective both of rural development and the one of locals. Ethnography was used as a research method, using the techniques of participant observation, field diary and semi-structured interviews. The data collected were listed in categories such as trajectory of the family members; trajectory of the production unit; food; interaction between families and tourists. The results show that the cultural interaction promoted by tourism along with cattle raising and social media are active agents in cultural change processes. In this sense, tourism is an important change agent that enables higher incomes and maintains the family's property, which is demonstrated by the expansion and modernization of cattle raising, by university study opportunities for children, and especially by the prevention of rural exodus, since the land is valued as a family asset in the context of the life stories of those who dwell therein.

Keywords: Rural tourism. Rural development. Intercultural contact. São José dos Ausentes. Brazil.

¹ Entendemos efeito como consequência (BARRETTO, 2005) e também como resultado de um encontro, nem sempre expresso como positivo ou negativo, para o conjunto de atores (SANTANA, 2009).

² Os turistas, no entendimento de Barretto (2007), são pessoas que chegam a algum lugar como visitantes, com uma diversidade de motivações que pode abarcar desde esportes radicais até a contemplação de uma obra de arte ou do cotidiano.

1 Introdução

Este artigo trata da temática do desenvolvimento rural, refletindo especialmente a partir das percepções da comunidade receptora de turistas com relação aos efeitos¹ do turismo rural em seus modos de vida. Para isso, a reflexão privilegiou a observação das práticas alimentares em um contexto de interação, de encontro turístico entre visitados (entendidos como sujeitos rurais) e turistas² (os chamados sujeitos urbanos).

Entendemos, a partir de Santana (2000) que o turismo rural pode ser compreendido como produto e como forma de desenvolvimento. Desse modo, tem-se o:

[...] uso e aproveitamento turístico do ambiente rural, aferrando-se às premissas do desenvolvimento sustentável, à intenção de gerar efeitos eminentemente positivos (preservação do patrimônio, proteção do ambiente etc.), de se realizar em áreas “não-invasadas”, de incluir a população local com agentes culturais, de ser minoritário e promover, através de encontros espontâneos e de participação, o contato cultural (SANTANA, 2000, p. 155).

Partimos da ideia de Barretto (2007) de que o turismo³ é uma atividade que realiza encontros entre diferentes grupos de pessoas, referentes a estruturas culturais, em geral, diferentes. É o contato entre as culturas que promove influências ou efeitos nas culturas receptoras.

A abordagem escolhida neste estudo considera o espaço rural como espaço de vida, em que ocorre a interação de sujeitos locais e de fora, rurais e urbanos. Partimos do pressuposto de que a busca do rural como local de lazer do cidadão tem provocado sua reorientação, a qual, segundo Cristóvão (2002), é marcada por sentimentos de nostalgia, relacionados a anseios de recuperação do que se perdeu ou do que se imagina ter perdido na cidade e nos modos de vida urbanos.

A partir de Cristóvão (2002), concebemos que a emergência dessa busca está baseada no quadro das representações urbanas sobre o campo e sobre a natureza. Na mesma perspectiva, Santana (2009) coloca que o estilo de vida rural vem se consolidando como atrativo turístico, a partir de perspectivas e de estereótipos que o diferenciam daquele do cidadão. Para esse autor, os produtos do turismo rural estão centrados na cultura e na natureza, tendo como inspiração o fenômeno de conscientização e reivindicação ecológica pelo qual as sociedades altamente urbanizadas e avançadas passaram nas últimas décadas do século XX, em que o campo e o atrativo turístico são percebidos como sendo a mesma coisa. Nesse sentido, o modo de vida rural acaba sendo idealizado pelos moradores da cidade e, por consequência, pelos turistas.

³ Barretto (2007) caracteriza turismo como movimento de pessoas que viajam em seu tempo livre e que usufruem de equipamentos e serviços turísticos. O turismo, para essa autora, proporciona interação entre turistas, o núcleo receptor e todas as atividades que decorrem dessa interação. A autora frisa que o fenômeno turístico não é composto somente pelos que viajam e pelos equipamentos e serviços que lhe são ofertados. O contato com os protagonistas da atividade também gera situações de caráter econômico, sociológico e político.

1.1 *Modos de fazer da pesquisa*

Quanto aos aspectos metodológicos, buscou-se apreender as mudanças decorrentes das relações entre os visitados/familiares em interação com turistas a partir da perspectiva dos sujeitos locais e ainda da observação da alimentação, aqui entendida como meio de expressão de valores do grupo. Deste modo, escolhemos como método a etnografia que envolveu quatro fases, a primeira com permanência de quatro finais de semana, a segunda foi de 36 dias, período necessário para a obtenção dos dados, a terceira com estada de três finais de semana para nova coleta de dados e a quarta e última fase foi para validação dos resultados requeridos pela etnografia.

Utilizou-se a técnica de observação participante, o diário de campo e entrevistas semiestruturadas. As entrevistas, o diário de campo e os vídeos foram gravados e degarados na íntegra, juntamente com as fotos. Estes procedimentos foram escolhidos para a investigação porque possibilita a interação do pesquisador no campo de estudo e permite a observação sistemática, detalhada e próxima de comportamentos, viabilizando a verificação *in loco* das práticas cotidianas dos sujeitos. Com isso, torna-se possível descobrir elementos da situação de forma aprofundada. A partir disso, os dados coletados foram divididos por pessoas e depois elencados em categorias para a análise, que são: trajetória das pessoas, trajetória da unidade produtiva, comida e interação entre familiares e turistas.

Como sujeitos da pesquisa tem-se os familiares da Pousada Fazenda, que são o casal de proprietários, José e Nelci, e seus dois filhos, Pedro e Lurdes. Em relação à questão ética sobre o uso dos nomes reais e fictícios dos sujeitos da pesquisa, temos um debate em Fonseca (2008). Ao examinar a interface das discussões autocríticas de antropologia com um determinado aspecto da prática etnográfica relacionado ao uso ou a recusa, no texto final, dos nomes “verdadeiros” dos interlocutores, a autora sustenta que o anonimato das personagens no texto etnográfico não implica necessariamente uma atitude politicamente omissa do pesquisador. Sob esse prisma, adotamos a perspectiva de Fonseca e utilizamos nomes fictícios para nossos interlocutores.

2 **Histórico da pousada Fazenda do Amor**

A Pousada Fazenda do Amor é uma propriedade com uma área total de 460 hectares, localizada na área rural do município de São José dos Ausentes, no Estado do

Rio Grande do Sul. Sua matriz econômica é caracterizada pelas práticas da pecuária extensiva (existente há seis gerações) e do turismo, tendo como perfil a pluriativa, mesclando atividades agrícolas e não-agrícolas, atuando no turismo desde o ano de 1997.

O cenário da abertura da propriedade era de dificuldades econômicas, a pecuária encontrava-se em crise e os familiares da Fazenda do Amor viviam da produção de queijo, produziam-se diariamente oito quilos de queijo, resultantes do leite fornecido por um rebanho de quarenta vacas “de corte” (animais pertencentes a um rebanho bovino de raça não especializada na produção leiteira). Quando da necessidade de dinheiro, vendia-se alguma vaca da propriedade. Vejamos o relato de José:

Entre 1990 e 2000, não foi fácil de sustentar não, só com a pecuária ficou difícil a coisa. O preço do gado estava muito baixo, a coisa foi difícil, tanto que pouca gente se manteve na pecuária aí, né. Uma grande parte plantou batatinha, outros fizeram pinus, outros partiram pra outras culturas, né. Nós nos seguramos no turismo, mas não abandonamos a pecuária (JOSÉ, 2011).

A partir do início da atividade turística, o estabelecimento passou a ter nela sua principal fonte de renda, o que possibilitou investimentos não apenas na infraestrutura turística, mas também na aquisição de utensílios, equipamentos domésticos, entre outros. Novilhos precoces também foram adquiridos, possibilitando a retomada da criação de gado de corte, disso decorre que atualmente a pecuária e o turismo correspondem cada uma com 50% da renda. É a combinação das duas atividades que torna a rentabilidade da fazenda adequada, de acordo com José:

Se fosse pra viver só do turismo não dava certo, e só da pecuária também não, a gente faz uma associação das duas e consegue manter a fazenda, comprar gado, dar estudo dos filhos e ir melhorando a pousada de tempo em tempo. Mas teve uma época, que me lembro bem, era do turismo que saía o dinheiro pro gado, mas não era bom daí, porque dependia de uma só e a gente é do campo, né, a fazenda é nossa lida (JOSÉ, 2011).

Segundo a visão da proprietária, podemos periodizar o processo de desenvolvimento do turismo no estabelecimento em três etapas. A primeira delas, entre 1997 e 2001, foi marcada pela obtenção de luz elétrica e telefonia e pela melhoria das estradas de acesso à Pousada Fazenda do Amor. Nesse mesmo período, foi realizada a ampliação e adaptação da casa da fazenda, com a construção de três banheiros e do refeitório. Essa fase, conforme Nelci, foi caracterizada por uma “angústia de receber”.

A segunda etapa do processo de desenvolvimento do turismo situa-se entre 2002 e 2007. Ela é considerada a “fase da empolgação” pelos proprietários. Nesse período, foram realizadas ampliações na pousada. Os quartos foram adaptados com banheiros, o espaço do refeitório foi aumentado com a construção de lareiras e a cozinha foi transferida de local.

A casa foi dividida em ala de turistas e ala da família. A nova cozinha construída estabeleceu essa divisão física, sendo também o local de acesso de todos os “moradores” da Pousada Fazenda do Amor. A peça permite socializar as experiências turísticas a partir da sociabilidade inerente à comida e seu espaço. Contudo, ela também marca a distinção entre dois grupos que ali convivem: o dos que vivem na pousada, em que o espaço é o lar, e o dos que estão na pousada para vivenciar uma experiência de turismo rural, baseada na integração com os familiares. A partir dessa divisão em alas, os turistas passaram a fazer suas refeições no refeitório, enquanto os familiares na nova cozinha.

A terceira etapa do processo de desenvolvimento do turismo na pousada, denominada “fase da família”, é marcada por duas perdas. Ela inicia em 2008, com o falecimento de Thereza (mãe de Nelci) e se consolida em 2010, com o falecimento de Avelino (pai de Nelci) e é considerada pelos familiares a fase atual. Durante esse período, ocorre o questionamento do sentido do próprio trabalho, da reorganização do tempo e da disponibilidade dos membros da família.

Quanto aos produtos turísticos da Pousada Fazenda do Amor, encontram-se a hospedagem na casa sede que permite o contato intercultural entre familiares e turistas, o Cachoeirão dos Rodrigues, a Cachoeira da Vovó, o desnível dos Rios Silveira e Divisa, a Cascata do Funil, os banhos em rios e cachoeiras, o acompanhamento de lidas campeiras⁴, a observação de pássaros,

⁴ Atividades relacionadas ao cotidiano do trabalho com a pecuária. Produto turístico segundo Santana (2009) é o conjunto de elementos tangíveis e intangíveis, percebidos pelos consumidores como uma experiência disponível em troca de um preço.

os passeios a cavalo, a prática de *flyfishing* – pesca esportiva de truta americana, a alimentação e os hábitos do campo.

3 Multifuncionalidade, cultura de contato e seus desdobramentos

A reflexão que propomos se insere no debate sobre desenvolvimento rural, que vem sendo discutido a partir da valorização de um conjunto de dimensões do campo associadas à ideia de ruralidade, tendo como perspectiva a multifuncionalidade. Essa noção propõe a ruptura com a abordagem setorial e o reconhecimento do espaço rural não somente enquanto dimensão produtiva.

Carneiro e Maluf (2003) afirmam que a abordagem da multifuncionalidade da agricultura se diferencia de outras por valorizar as peculiaridades do agrícola, do rural e da produção de bens privados:

[...] a noção da multifuncionalidade rompe com o enfoque setorial e amplia o campo das funções sociais atribuídas à agricultura que deixa de ser entendida apenas como produtora de bens agrícolas. Ela se torna responsável pela conservação de recursos naturais (água, solo, biodiversidade e outros), do patrimônio natural (paisagens) e pela qualidade dos alimentos (CARNEIRO; MALUF, 2003, p. 19).

De acordo com Wanderley (2009), o mundo rural é entendido em duas dimensões: a primeira se refere ao espaço físico diferenciado, resultado da ocupação do território, das formas de dominação social (estrutura de posse e uso da terra, da água, das paisagens naturais e das relações campo-cidade); a segunda diz respeito ao espaço de vida, ao lugar em que se vive e de onde se vê o mundo, considerando-se aqui a inserção do sujeito rural em um processo de cidadania e de inserção na sociedade nacional.

A referida autora aponta para a importância dos agentes sociais que configuram esse espaço e que são responsáveis por sua transformação, em função das relações que estabelecem com o meio rural, citando os personagens do mundo rural inseridos em um lugar de vida e de trabalho: agricultores familiares, trabalhadores rurais, residentes do campo. Wanderley (2009) menciona, ainda, a existência de personagens que, ao atuarem em processos econômicos e sociais, interagem com o meio rural, deixando suas marcas: os turistas.

A autora interpreta o meio rural como lugar de relações específicas, construídas, reproduzidas e redefinidas conforme seu espaço singular de vida. Esse espaço é socialmente construído por seus habitantes em função das relações estabelecidas nos laços de parentesco e de vizinhança, a partir da vida cotidiana e dos ritmos dos acontecimentos que determinam o ciclo da vida familiar. Essas coletividades são entendidas como depositárias de uma cultura, portadoras de um sentimento de pertencimento. Contudo, tais coletividades não são isoladas, mas integradas aos espaços sociais mais amplos, por meio das complexas relações associadas ao mercado e à vida urbana.

É nesse contexto que o conjunto de características do meio rural torna-se atrativo para os cidadãos, permitindo o desenvolvimento de outra atividade – não-agrícola⁵ –, o turismo rural, gestado a partir da atração exercida por um modo de vida, o qual passa por reconfigurações deflagradas por essa interação.

Verificamos que o turismo no espaço rural vem se desenvolvendo como produto de consumo turístico e, conseqüentemente, como possível instrumento de desenvolvimento, inclusão social e melhoria de qualidade de vida para as populações locais, entre outros. Contudo, as questões relativas às mudanças de vida no espaço rural tornam a inserção dessa atividade uma questão de debate na interface entre as dimensões do turismo e do desenvolvimento rural.

Com isso exposto, entendemos o turismo como um fenômeno social, protagonizado por sujeitos portadores de cultura, e também como produto de consumo, uma vez que à oferta como atrativo na cadeia produtiva do turismo corresponde um processo de atribuição de sentido aos bens culturais ofertados. Cabe sublinharmos que, para Douglas e Isherwood (2004), o consumo envolve todas as categorias da vida, sendo parte visível da cultura e processo ativo em que todas as categorias são continuamente redefinidas.

Levando em consideração que o turismo possibilita o contato entre sujeitos turistas e sujeitos das comunidades receptoras e provoca influências nessas comunidades, trazemos para a reflexão o que Santana (2009) intitula como cultura de encontro ou cultura de contato. Em sua definição, essa cultura seria:

[...] resultante das formas adaptadas de visitantes e residentes, que a fazem diferente de suas culturas matrizes e onde cada uma delas “empresta” parte de seus conceitos, valores e atitudes de forma assimétrica, constituindo em si mesma uma combinação cultural única (SANTANA, 2009, p. 156).

⁵ As atividades não-agrícolas, que sempre foram constitutivas dos modos de vida rurais, recentemente (SILVA, 2002) têm sido percebidas como um conjunto de funções que o meio rural teria passado a abarcar, como turismo, lazer, moradia, parques com atividades relacionadas à conservação e à preservação ambiental, que visam nichos de mercado específicos.

Enquanto fenômeno que promove interação de diferentes grupos humanos, o turismo oportuniza a troca cultural entre os sujeitos que viajam e os sujeitos que os recebem. Essa interação cultural pode criar novos modos de operar os arquétipos culturais de ambos os grupos. Sob essa perspectiva, o turismo pode constituir-se em uma força importante nos processos de mudanças culturais locais, transformando modos de viver no campo. Ainda em relação a essa questão, é importante destacar que as práticas alimentares têm a capacidade de evidenciar como essas mudanças operam na vida das pessoas que vivem em um determinado espaço.

Os fatores que determinam a forma de interação do encontro são compostos pelas predefinições dos papéis do turista e de seus anfitriões, de suas culturas e expectativas sociais. A variação cultural do encontro ou de alguns de seus elementos pode ser incorporada e até substituir a forma original cotidiana do anfitrião, podendo, inclusive, em alguns casos, homogeneizar-se com relação a outros destinos (SANTANA, 2009).

Segundo o referido autor, em contrapartida, mesmo que os efeitos do encontro e seus impactos no desenvolvimento turístico sejam altos para as comunidades locais, estudos de caso mostram que, em geral, as populações exprimem atitudes positivas em relação a esse encontro, mantendo-se dispostas a suportar aquilo que os analistas consideram como negativo. Deste modo, concebemos que sempre serão realizadas modificações no espaço rural para receber o visitante e que os hábitos locais, em qualquer dimensão, não continuarão da mesma forma diante dos turistas, nesse caso, os estranhos. Com isso, “[...] o mito das realidades possíveis de vivenciar turisticamente se esvai tanto quanto na vida cotidiana [...]”, “[...] já que os habitantes locais, sejam quais forem, não agirão da mesma forma diante dos estranhos [...]” (SANTANA, 2009, p. 146).

De acordo com Grabum (2009), estudos recentes têm demonstrado que os efeitos do turismo podem incluir reforço cultural, oportunizando uma forma alternativa de emprego, o desenvolvimento em regiões isoladas que pode desacelerar o êxodo rural, permitindo a manutenção intergeracional das famílias e permitindo a preservação dos rituais locais.

4 Mudanças nos modos de vida sob a ótica dos atores locais

Quando pensamos em mudanças nos modos de vida que envolvem o turismo rural entendemos que esse surge no contexto do rural contemporâneo. Para pensarmos a partir dessa perspectiva, temos em mente que o rural, conforme Figueiredo (2011), é plural. Não existiria um rural, mas rurais, resultados de muitas décadas de mudança que são específicas de lugar para lugar. As diferenças, as especificidades do campo, permanecem e possuem tanto um caráter objetivo – espaciais, econômicos, sociais, culturais e políticos, como uma natureza subjetiva e simbólica, baseada nas representações sociais.

Segundo a autora, o rural enfrenta hoje uma crise de identidade que precisa ser analisada e estudada, sendo que a multifuncionalidade é uma das abordagens indicadas. O rural apresenta funções produtivas autônomas e, ao mesmo tempo, contempla a ideia de revalorização do patrimônio ambiental e cultural. É a partir deste posicionamento que apresentamos a percepção dos familiares da Pousada Fazenda do Amor sobre as mudanças nos seus modos de vida.

Em relação a percepção sobre os modos de vida rural, verificamos que para Nelci (2011), a pousada é parte de sua história, pois nela está inscrita a vida de sua família e de seus antepassados. Quando questionada sobre sua percepção acerca do turismo rural, ela imediatamente reporta-se a terra e a casa como herança, tanto na perspectiva financeira quanto na simbólica e patrimonial, pois aprendeu com seus antepassados como viver no campo. O entendimento é o de que ela precisa repassar aos filhos o mesmo que passaram a ela: os modos de viver no espaço rural. Isso se concretiza no desejo de deixar a Pedro e Lurdes a herança da terra, da mesma forma como os bisavôs, os avós e pais deixaram.

A continuação do turismo por seus filhos não é tão importante para Nelci quando a continuidade da posse da fazenda por sua família. Vejamos seu posicionamento (2011) a respeito:

Poder dar para os filhos aquilo de melhor, então. Por exemplo, meu pai e minha mãe compraram, além de herdar (Egídio e Vera), eles compraram mais terra; então é uma coisa assim, que eu tenho esse pensamento também, ainda bem que o José tem esse pensamento também, que a gente nesse mundo está aqui como uma passagem, e se a gente pode passar e deixar as coisas. Tomara que meus filhos, o Pedro e a Lurdes, pensem dessa forma de poder

manter aqui; é porque, que nem ontem a gente estava escrevendo, foi por causa dos nossos antepassados, da liderança deles, da sabedoria deles, e da gente conseguir captar o que eles nos disseram lá atrás, que hoje a gente tem uma condição de vida boa, porque se eu quisesse e dissesse não, eu vou aproveitar só e não precisava trabalhar com o turismo. Mas a gente sabe que, se eu tenho hoje, é porque meus pais, meus avós, meus bisavós trabalharam pra gente ter isso, o que eu tenho hoje veio de herança e quero deixar de herança para os meus filhos. A terra é o principal, o turismo, não sei se eles continuam com o turismo, eu gostaria, mas acho que não. O Pedro não gosta e gosta do gado, a Lurdes, não sei, tem o Felipe (namorado) e ela faz farmácia, mas adora cozinhar, então pode ser que fique no meu lugar (NELCI, 2011).

A fala de Nelci nos remete a Wanderley (2009), para quem o significado da terra é patrimonial, ou seja, é reconhecido como espaço de pertencimento, de história de vida de uma coletividade que compartilha valores, crenças, hábitos cotidianos, formas de lazer e diversão, sotaque e alimentação. Esse conjunto de valores é a parte imaterial daquilo que está intrínseco ao processo de herança da terra, tanto na hora de recebê-la como na hora de transmiti-la. Há uma responsabilidade na passagem desses valores.

Podemos interpretar que, para a proprietária (2011), o turismo e a pecuária fazem parte da maneira de se manter na terra. Contudo, o turismo não está sendo colocado como atividade que deve ser passada de geração para geração. O valor a ser deixado é o da terra, do lugar onde se vive e se vive a vida, conforme aponta Wanderley (2009).

Para Lurdes (2011) uma desvantagem do turismo é que acarreta em mudanças, relaciona-se à diminuição do tempo dedicado ao convívio em função das responsabilidades e características do turismo, que exige a presença e contato dos familiares com os turistas. Como vantagem, ela aponta a possibilidade de estudar. Ainda segundo Lurdes,

[...] hoje em dia eu vejo que é bom, porque eu gosto da pousada, é a relação que a gente tem com as pessoas, conhece um monte de gente, tem bastante amizades. Eu já me acostumei também, quando era pequeninha assim, daí às vezes eu pedia pra mãe fazer uma coisa, ela não podia porque

tinha turista, ela não podia porque tinha isso pra fazer, porque tinha coisa por causa dos turistas e aí nunca sobrava tempo. Por isso é que eu acho que não gostava, daí a gente vai entendendo, né, que tem que ter, que é necessário e, no fundo, se acostuma, parece até que gosta (LURDES, 2011).

Em seus depoimentos, Lurdes (2011) destaca, ainda, a questão de ter se acostumado com a presença do turista, e que isso poderia ser entendido como gostar da pousada. Conforme Costa Beber (2004), a percepção de Lurdes era a de que a mãe dava toda atenção ao turista, sendo as comidas escolhidas em função daquilo que ele queria e não do que a filha gostava de comer. Na sua fala também podemos verificar as tensões vividas no que diz respeito ao tempo dedicado ao convívio familiar e ao turismo. Podemos pensar essa questão a partir de Contreras (2005), para quem a “comida da mãe ou comida caseira” evoca a infância, a segurança. A comida envolve emoção, remete ao familiar, ao íntimo, estabelecendo relação com a memória e os sentimentos.

Ainda na percepção de Lurdes, o turismo constituiu-se enquanto atividade que excluiu rituais importantes que marcavam valores familiares, como a oração e o agradecimento pelo alimento. Para compreendermos buscamos em Amon e Menasche (2008) a abordagem da voz da comida⁶. A abordagem enfatiza a comida como veículo de comunicação que expressa emoções, visões de mundo, identidades. Nesse sentido, a voz da comida evidencia a percepção negativa e, de certo modo, mascarada de Lurdes quanto ao turismo na propriedade.

Quanto ao turismo na pousada, Pedro afirma que é importante que o turista e os familiares tenham seus espaços separados, delimitados, de modo que a família possa desfrutar de liberdade e privacidade. Segundo ele, o turismo foi importante para a retomada para a pecuária, a qual tem sido objeto de estratégias pessoais visando o aumento de gado por hectare. Essa situação dar-se-ia em razão da inserção de novas tecnologias para pastagem e cuidado com o gado, principalmente no período de inverno.

Ainda para Pedro (2011), atualmente a família, em especial a mãe, Nelci, está conseguindo separar a vida familiar da vida do turista. Ele relata que, no passado, não havia horários determinados para as atividades familiares básicas, como refeições, passeios e momentos de lazer entre eles, pois a rotina era determinada pelos turistas. Esse entendimento pode ser constatado a partir do discurso de Nelci, apresentado em Costa Beber (2012, p. 99):

⁶ As autoras remetem ao trabalho de HAUCK-LAWSON, Annie. Hearing the Food Voice: An Epiphany for a Researcher. *Digest – An Interdisciplinary Study of Food and Foodways*, v. 12, n. 1-2, p. 6-7, 1992.

A gente sempre pensou no turista em primeiro lugar, até então, o tipo que a família seguia era assim, tinha horário, quando o turista começou a vir à gente deixou de pensar do jeito da gente, por exemplo, o horário era ele que fazia. A gente se adequa ao horário da pessoa que tá aqui na pousada, nós aqui, a gente não tem horário enquanto tem turista, porque ele chega e eles determinam o horário, nós estamos aqui para praticamente obedecer às ordens do pessoal que tá aqui, eles vem para isso. Nos horários de dormir, a gente não tem mais horário certo para dormir, pra comer, porque primeiro serve o turista, diferenciou bastante da vida de antes do turismo.

Atualmente, os horários das refeições são determinados pela pousada e, segundo Nelci, estão de acordo com a vida da família. Uma das grandes mudanças apontadas por ela foi o medo de perder o turista, o medo de desapontá-lo com algo que estivesse fora do desejo dele. Ela coloca que, com o passar do tempo, foi conhecendo o perfil dos turistas e verificando aquilo que a família poderia ou não abrir mão. A partir disso, pôde constatar que precisava fazer mudanças nos horários para poder manter a vida em família.

Para José, manter a família unida nas refeições é fundamental, pois permite o acompanhamento dos filhos e da vida em geral. Trata-se de um hábito que o turismo não deve mudar. Em suas palavras:

Olha, eu não tenho problema com o turista de jeito nenhum, o que pra nós mudou muito é o horário, e daí complica pra comer juntos, isso é uma coisa que pra nós mudou bastante, mas tentamos sempre comer todos juntos, mesmo que seja assim bem tarde, mas se eu tenho lida do campo ou preciso sair, eu vou ali no fogão e me sirvo, hoje em dia se faz isso, mas no caso, se eu não tenho que sair, eu como com a Nelci e se o Pedro e a Lurdes estão em casa, a gente espera pra come juntos, é um desafio pra nós (JOSÉ, 2011).

No relato de José, percebemos que a realização das refeições com a família está em risco, sendo uma das principais razões a mudança nos horários. Lurdes e Pedro também fazem referência à questão do horário, ao sublinhar que o vínculo entre os familiares foi alterado.

Podemos analisar trazendo a fala de DaMatta (1986), ao afirmar que a mesa reúne liberdade, respeito e satisfação, sendo um instante que permite invalidar as diferenças e oposições. Para o autor, é na mesa e através da comida cotidiana que o homem comunga com os outros num ato afetivo e sagrado, havendo a ênfase nas relações grupais e não individualizadas.

5 Conclusão

Entendemos que o campo é um espaço singular de vida, construído a partir de laços de parentesco e vizinhança e depositário de uma cultura que, ao mesmo tempo em que se diferencia do urbano, está integrada a ele a partir de relação com o mercado e com seus modos de vida. Ainda, o rural é entendido de forma plural, ou seja, não existe um rural, mas diferentes tipos de rural, que são resultado de mudanças históricas. O rural também foi empreendido a partir da abordagem da multifuncionalidade, cujas funções não o reduzem a produtor de bens agrícolas, mas também à preservação dos patrimônios naturais – biodiversidade, água, paisagem natural, qualidade dos alimentos – e preservação do patrimônio cultural – modos de vida, tradições, hábitos alimentares, entre outros.

Entendemos que as mudanças nos modos de vida dos familiares da Pousada Fazenda do Amor são produzidas num contexto histórico e não apenas pela relação entre visitante e visitado, advinda do turismo, mas pela própria modernização que, ao estabelecer trocas com estas comunidades, as influencia e as transforma culturalmente. Com isso, também os espaços turísticos passam a ser híbridos, possuidores de uma multiplicidade de referências culturais que dão significado ao lugar, capazes de contextualizar a história dos sujeitos que ali vivem.

Desta forma, a relação de interação entre familiares e turistas operou mudanças simbólicas nas condições materiais e na organização da casa e de seus objetos, nos horários entre outros na Pousada Fazenda. A casa, como espaço inclusivo agregou o turista, que simultaneamente, de certo modo, tornou-se espaço exclusivo que pode ser representado pela perda do espaço doméstico pela inclusão do turista, perda de rituais alimentares cotidianos, de momentos de lazer com a família, da “liberdade de estar em casa”, conforme nos apontam os familiares, entre outros descritos neste estudo. Mesmo assim, a família entende as perdas como parte do processo turístico, absorvendo-a, conforme afirma Santana (2009).

Ainda, constatamos que os familiares reconhecem os efeitos negativos do turismo e vivem um processo de elaboração constante, no sentido de adaptar as rotinas pertencentes a atividade e aos padrões ligados aos modos de vida locais. Neste sentido, compreendemos haver amadurecimento no desenvolvimento da atividade na medida em que há profissionalização e crescimento econômico equilibrado com as questões que envolvem a cultura e identidade local.

Em relação aos aspectos da herança patrimonial simbólica ligado ao significado da terra e modos de vida no campo, verificamos que para os familiares da pousada fazenda o turismo é entendido como atividade importante na medida que vem complementando economicamente a renda da propriedade e permitindo a continuidade no processo de herança da terra, de receber e transmitir o lugar onde se vive a vida.

Referências

AMON, Denise; MENASCHE, Renata. *Comida como narrativa de memória social*. Sociedade e Cultura, Porto Alegre, v.11, p. 13-21, 2008.

BARRETTO, Margarita. *Cultura e turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papirus, 2007.

BARRETTO, Margarita. *Turismo étnico y tradiciones inventadas*. In: CONGRESSO DE ANTROPOLOGÍA, 10., 2005, Sevilla. El encuentro del turismo com el patrimonio cultural: concepciones teóricas y modelos de aplicacion. Sevilla: Fundación El Monte, 2005.

BARRETTO, Margarita. *As ciências sociais aplicadas ao turismo*. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Torini; LUCHIARI, Maria Tereza. Olhares contemporâneos do turismo. Campinas: Papirus, 2000.

CARNEIRO, Maria José; MALUF, Renato (Org.). *Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

COSTA BEBER, Ana Maria. *As mudanças socioculturais no turismo rural: o caso de uma pousada familiar*. 2004. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2004.

CONTRERAS, Jesús. *Patrimônio e globalização: o caso das culturas alimentares*. In: CANESQUI, Ana Maria; GRACIA, Rosa W. D. (Org.). Antropologia e nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Fiocruz: 2005.

COSTA BEBER, Ana Maria. *Turismo rural, modos de vida em mudança e percepções do rural: um estudo a partir das práticas alimentares de famílias rurais em contexto de interação com turistas*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, RS, 2012.

CRISTOVÃO, Artur. *O mundo rural: entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais)*. In: RIEDL, Mario; ALMEIDA, Joaquin Anécio; VIANA, Andyara Lima Barbosa. Turismo rural: tendências e sustentabilidade. Santa Cruz do Sul, EDUNISC: 2002.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

FIGUEIREDO, Elisabete Maria Melo. Um rural cheio de futuros? In: FIGUEIREDO, Elisabete Maria Melo *et al.* *O rural plural: olhar o presente, imaginar o futuro*. Castro Verde: 100LUZ, 2011.

FONSECA, Cláudia. *O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia em "casa"*. Teoria e cultura, Juiz de Fora, v. 2, n. 1-2, p. 39-53, jan./dez. 2008.

GRABUN, Nelson. Antropologia ou antropologias do Turismo? In: GRABUN, Nelson *et al.* *Turismo e Antropologia: novas abordagens*. Campinas: Papirus, 2009.

SANTANA, Augustín T. *Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTANA, Augustín Talavera. *O rural como produto turístico: algo de novo brilha sob o sol?* In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Torini; LUCHIARI, Maria Tereza. *Olhares contemporâneos do Turismo*. Campinas: Papirus, 2000.

SILVA, José Graziano da. *O novo rural brasileiro*. Campinas: Unicamp, 2002.

WANDERLEY, Maria Nazareth B. *O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.